



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI-UFOP – Mariana - MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 1

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial

Sarah Dias Leocádio*

Thiago Augusto Machado**

Resumo: O presente trabalho propõe discutir a representação da diversidade sexual e étnico-racial, a partir dos pressupostos teóricos ancorados por Michel Foucault, Norbert Elias, Judith Butler, etc. Nesse sentido, buscar-se-á demonstrar, primeiramente, na literatura, como o poeta negro Adão Ventura utiliza em sua poesia a “pele” como elemento articulador da própria identidade, ou seja, esta que é definida pelos comportamentos, atitudes e costumes de um indivíduo e se modifica com a convivência entre sujeitos, ou seja, se constrói tendo o *outro* como referência. De maneira tensa, convivem no Brasil a cultura e o padrão estético branco europeu e a cultura e o padrão estético negro e africano. Portanto, os temas da diversidade sexual e étnico-racial não serem abordados na sala de aula acarreta na não-valorização desses grupos pela sociedade, contribuindo para a desvalorização e marginalização, o que tenta ser mudado a partir da lei 10.639 – a qual estabelece as diretrizes da educação nacional e inclui no currículo oficial da rede de ensino a história e cultura afro-brasileira. Em segundo lugar, a partir da distinção entre os grupos estabelecidos e *outsiders*, e do conceito de configuração, de acordo com Norbert Elias, que estabelece interligação entre sociedade e indivíduo, procurar-se-á exemplificar como essas formas de representações aparecem ou não nos livros didáticos como forma de manutenção do poder do grupo dos estabelecidos (heterossexuais, brancos e com famílias ditas “tradicionais” compostas por pai, mãe e filhos). A expressão de manutenção do poder da classe dominante nos livros didáticos coloca em questão a necessidade de discussão: esta postura sustenta a possibilidade da homofobia e racismo na escola e na sociedade? Podemos perceber ao longo da história mudanças na balança de poder destes grupos?

Palavras Chave: Diversidade sexual e étnico-racial; Educação; Literatura; Relações de poder.

Resumen: El presente trabajo propone discutir la representación de la diversidad sexual y étnico-racial, a partir de los presupuestos teóricos anclados por Michel Foucault, Norbert Elias, Judith Butler, etc. En ese sentido, se buscará demostrar primero en la literatura como el poeta negro Adão Ventura utiliza en su poesía la "piel" como elemento articulador de la propia identidad, o sea, ésta que es definida por los comportamientos, actitudes y costumbres de un individuo y se modifica con la convivencia entre sujetos, es decir, se construye teniendo el otro como referencia. De manera tensa, conviven en Brasil la cultura y el patrón estético blanco europeo y la cultura y el patrón estético negro y africano. Por lo tanto, el tema de la diversidad sexual y étnico-racial no se aborda en el aula, acarrea en la no valoración de esos grupos por la sociedad, contribuyendo a la devaluación y marginación, lo que a partir de la ley 10.639 - donde se establecen las directrices de la educación nacional - incluye en el currículo oficial de la red de enseñanza la historia y las culturas afro-brasileñas. En segundo lugar, a partir de la distinción entre los grupos establecidos y *outsiders* y del concepto de configuración - de acuerdo

* UFOP – sarahdleocadio@gmail.com

tmachadosilva@yahoo.com.br

con Norbert Elias, que estabelece interconexión entre sociedade e individuo - se procurará exemplificar cómo estas formas de representacións aparecen o non en libros didácticos como forma de mantemento do poder do grupo de los establecidos (heterossexuais, brancos e con familias chamadas "tradicional" compostas por pai, nai e fillos). A expresión de mantemento do poder da clase dominante nos libros didácticos pon en cuestión a necesidade de discusión: esta postura sustenta a posibilidade da homofobia e racismo na escola e na sociedade? ¿Podemos percibir ao longo da historia cambios na balanza de poder destes grupos?

Palabras clave: Diversidade sexual e étnico-racial; Educación; Literatura; Relacións de poder.

Construção moderna que se refere a uma diversidade de povos, tribos, culturas e línguas, eis a “África” ressurgindo atualmente à luz de novos estudos...

Benedict Anderson formulou uma teoria muito dominante, principalmente para os estudos culturais pós-colonialistas sobre a ideia de nação e de nacionalismo. Anderson diz que não há uma essência natural que consubstancie os indivíduos de uma mesma nação. O que acontece é a construção cultural de um *logos* discursivo que institui um simulacro tomado como verdade natural ou como essência preexistente ao discurso, como que à espera de assimilação pelos membros da comunidade. Esse estudo serviu de fonte para Stuart Hall (2003:26) pensar a ideia de identidade e o conceito de “comunidades imaginadas”, proposto pelo norte-americano. Ao tocarmos na questão da identidade, interessa e também contribui bastante refletir sobre o conceito de gênero como culturalmente construído: diferente do de sexo, naturalmente adquirido, ambos formam o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos.

Na tentativa de “desnaturalizar” o gênero, Butler se punha contrária a ideia de uma identidade fixa ancorada na premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. A desconstrução da identidade, para a autora:

não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura *fundante* em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar. (Butler, 2003, p. 213)

A questão da identidade perpassa também nossa discussão quando, mais à frente, falaremos a respeito das questões dos homossexuais e dos negros e suas influências na educação, principalmente nos livros didáticos. Pois bem: se pensar a identidade implica um constituir-se sujeito, então qual “sujeito imaginado” – de acordo com Anderson, poderia ser transparecido o negro na poesia de Adão Ventura? Como perceber na sua produção poética as

[38/46]

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial • LEOCÁDIO, Sarah Dias; MACHADO, Thiago Augusto.

relações de matrizes africanas? Ou como poderíamos entender esse sujeito nos referindo à situação dos homossexuais?

Levando em conta a análise de Stuart Hall (2003, p. 27), o qual, pensando a diáspora africana, nos fornece a ideia de que identidades são múltiplas, nessa linha podemos, guardadas as devidas proporções, associar as reflexões teóricas tanto de Judith Butler quanto da atual Teoria Queer, sobre a qual falaremos num segundo momento deste trabalho.

Se a escravidão é considerada como uma ferida histórica ainda aberta seja no continente americano como no africano, por outra parte, ao longo dos séculos, ele gerou um discurso, uma construção simbólica acerca da violência e de outras consequências dele decorrentes. Nascido em 1946, em Santo Antônio do Itambé, antigo Distrito do Serro (MG), Adão Ventura, poeta negro formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1973, foi convidado para lecionar Literatura Brasileira na Universidade New Mexico e participar do Congresso de Escritores Internacionais, promovido pela Universidade de Iowa, nos EUA. Na década de 90, dirigiu a Fundação Palmares, órgão federal responsável pela promoção cultural da população negra brasileira. Colaborou na criação do *Suplemento Literário Minas Gerais*, onde publicou inúmeros poemas. Parte de sua obra está traduzida para o inglês, o alemão e o húngaro, e sua produção tem gerado especial interesse por parte da crítica literária. Silviano Santiago, no ensaio “Vale quanto pesa”, faz elogios ao livro *A cor da pele* e ao autor, considerando-o um importante poeta da literatura negra nacional, ao lado de Oswald de Camargo. Ítalo Moriconi incluiu o poema “Negro forro” na antologia *Os cem melhores poemas do século*.

Percebe-se na produção afro-diáspórica de Adão Ventura que, mesmo que raça e raízes africanas não constituam o eixo condutor dos seus primeiros poemas:

a preocupação com a posição sócio-cultural do negro no Brasil e com repressão/liberdade está também presente nos seus versos iniciantes. Ao lado do aparente desprezo pelos encadeamentos lógicos e construções “refletidas” surge uma (des)ordem centrada na denúncia das condições econômicas, políticas, raciais e sociais no Brasil. Ventura busca definir-se como poeta, ao reconstruir a sua própria história através da cor da sua pele e da trajetória afro-brasileira. (BARBOSA, 1997)

A autora se refere aos primeiros escritos de Ventura, como por exemplo, seu primeiro livro, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1970), o qual se desenvolve em forma de poesia “proseada” e que serve de inspiração ao título deste trabalho. Esses escritos – segundo Barbosa - não possuem o mesmo vigor como visto em *A cor da pele*, em *Texturaafro* onde ele constantemente recorre às origens e volta ao passado resgatando a textura afro-diaspórica que frequentemente tem-se traduzido em pausas e silêncios dentro

[39/46]

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial • LEOCÁDIO, Sarah Dias; MACHADO, Thiago Augusto.

da "história oficial". Enquanto em *A cor da pele* o teor dos poemas é a acusação que se fecha em torno de uma voz sofrida, em *Texturaafro* a estruturação simbólica é reforçada: a denúncia abrange um campo mais amplo porque se estabelece através da construção mítica. Consciente da história dos negros e da sua posição na sociedade, o corpo surge para a história do negro se impregnar na pele, ou seja no corpo, como nos mostra o seguinte poema:

áfricas noites viajadas em navios
e correntes,
imprimem porões de amargo sal
no **meu rosto**,
construindo paredes
de antigas datas e ferrugens,
selando em elos e cadeias,
o mofo de velhos rótulos deixados
no puir dos olhos.

Em outro poema a história do negro:

é um traço
num abraço
de **ferro** e fogo
(VENTURA, 1995, p. 20)

Há nesse poema uma voz conflitiva, que representa a história marcada pelo sofrimento do negro no país. Os versos de Adão Ventura, de acordo com Maria Nazareth Soares Fonseca (nota com endereço) expõem a visão do sujeito poético sobre a circulação de signos que, num sistema de opressão, são marcadores da visão preconceituosa da sociedade, e novamente o corpo reaparece:

para um negro
a **cor da pele**
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.
(“Para um negro”, p. 15)

O corpo como prisão, nos seguintes trechos:

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

A imagem de prisão também se constrói na relação com a cor da pele, associada a outros termos e expressões, como "muros altos" e "currais":

faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.
faça sol ou faça tempestade
Meu corpo é cercado

[40/46]

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial • LEOCÁDIO, Sarah Dias; MACHADO, Thiago Augusto.

Por estes muros altos,
- currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos. (p. 16)

Linguagem tensa, questionadora da situação excludente para a qual são direcionados os negros, é Adão Ventura: escreve uma poesia que se identifica com um povo, corroborando o pensamento de T.S. Eliot, em seu texto “A função social da poesia”: “Observa-se que a poesia difere de qualquer outra arte por ter um valor para o povo da mesma raça e língua do poeta, que não pode ter para nenhum outro.” (ELIOT, 1991, p. 29). Nos versos do poeta mineiro, as imagens de cerceamento e prisão dizem da visão de quem sofre as interdições propiciadas pela cor da pele, ou pelo próprio corpo como aquela relação descrita por Franz Fanon:

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.

A identidade “nunca dada recebida ou atingida” (DERRIDA, 1996, p. 53), definindo-se melhor como um processo de sucessivas (e provisórias) identificações. Para realizar isso, tanto devem intervir a desconstrução de determinado sistema de conceitos dados como unilaterais e fixos, quanto a construção de um novo modo de encarar o passado, para abrir o quadro de referências a partir das quais cada sujeito possa procurar e encontrar a sua expressividade peculiar. Finalizando em consonância a uma questão proposta por HALL (2003: p.28), como devemos pensar as identidades inscritas nas relações de poder, essencialmente pela diferença e disjuntura?

Da Literatura a Realidade Brasileira

Numa outra instância, pensando a educação, especificamente o ambiente escolar, o qual exerce grande influência intelectual e cidadã nos alunos: o livro didático aparece como um dos principais suportes pedagógicos e meios de transmissão do pensamento e comportamento da sociedade afetando a formação da identidade dos alunos. Nas escolas públicas do Brasil, os livros são repassados pelo Governo Federal através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), e utilizados para organização dos currículos a

[41/46]

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial • LEOCÁDIO, Sarah Dias; MACHADO, Thiago Augusto.

serem trabalhados durante o ano letivo. O livro didático aparece como um norteador, muitas vezes o único contato que grande número de alunos tem com a leitura. Estes apresentam conteúdos sistematizados, funcionam como fonte de pesquisa, e são o suporte que os alunos têm em suas casas para resolver as atividades.

O livro didático é nos dias atuais um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares. Também para o professor dessas escolas, onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supere as suas dificuldades pedagógicas. (SILVA, 2001, p. 19).

É justamente por isso que as representações nos mesmos são tão significativas e podem influenciar diretamente os alunos, beneficiando a imagem de uns e estigmatizando a de outros. Os temas da diversidade sexual e étnico-racial, esta última, expressa na matéria afro-diaspórica da poesia negra de Adão Ventura, não serem abordados na sala de aula, ou serem abordados de forma precária, acarreta na não valorização desses grupos pela sociedade.

Sabemos que na formação da sociedade brasileira, durante o período escravocrata, os negros eram rebaixados, tratados como mercadoria, simples força de trabalho, mas os negros não foram os únicos a vir forçadamente para o Brasil: tínhamos aqui todos os tipos de degradados, inclusive os homossexuais ou sodomitas, que eram punidos severamente por seus atos sexuais das mais variadas maneiras, na Europa dos séculos XV, XVI, XVII, nos países católicos e nos protestantes. As punições variam

historicamente desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado, passando com marcas a **ferro** e **brasa**, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte na fogueira, entre outros” (TREVISAN, 2007, pág. 127).

o que também ocorreu no Brasil com as visitas do Santo Ofício no período entre 1591 e 1769 (NOVINSKY, 1982, pág.76-80). Ou seja, os negros e os homossexuais sempre foram estigmatizados pela cultura eurocêntrica. Os nossos colonizadores trouxeram o modelo de famílias ditas “tradicionais” compostas por pai, mãe e filhos e todos deveriam ser brancos, heterossexuais, cristãos.

Assim entramos em um jogo de poder: um grupo se encontra em posição superior a outro na sociedade, mas até que ponto essa relação se sustenta? Para entendermos essas relações usaremos os conceitos teóricos de Norbert Elias quanto à distinção entre estabelecidos e *outsiders*. O termo *outsider* pode ser traduzido, de maneira pobre, como o "de

fora", alguém que não faz parte do grupo. Por não corresponder de maneira satisfatória ao conceito em inglês, ele não é traduzido.

Norbert Elias descreve o cotidiano de uma cidade inglesa, em seu livro *Estabelecidos e Outsiders*, rebatizada por ele como Winston Parva. O autor, inicialmente, faz um estudo acerca das taxas de criminalidade entre dois bairros, um antigo e um novo, mas antes do terceiro ano de pesquisa Elias percebe que o problema não estava na delinquência e volta o foco de sua pesquisa para as relações de poder entre os dois bairros e a discriminação que as pessoas do bairro antigo tinham com as do bairro novo. Assim se criam dois grupos, os estabelecidos e os *outsiders*.

(...) o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão (...)" (ELIAS, p. 20, 2000)

Os *estabelecidos* consideram-se humanamente superiores, portanto a inferioridade de poder é vista como inferioridade humana, e assim recusam-se a ter contato maior com os *outsiders*, além do meramente profissional. Isso ocorre porque os *estabelecidos* acreditam que são dotados de "uma espécie de carisma grupal", um tipo de qualidade que falta aos *outsiders*. Segundo Elias os grupos de Winston Parva não diferiam entre si pela etnia, nacionalidade, religião ou tipo de ocupação, apenas na diferença entre bairros. Mas as crenças religiosas, ascendência étnica, opção sexual podem ser e são divisores de grupos na relação de poder. O fato de “*deter um poder maior do que o outro*” é usado como justificativa para manter essa posição.

Um grupo só consegue estigmatizar o outro quando as relações de poder tendem para o seu lado. Os *outsiders* são estigmatizados, ou seja, condenados pelo outro. O que é diferente do preconceito, pois a questão não é individual: a estigmatização grupal é um processo social, onde as pessoas não são vistas por suas qualidades ou defeitos pessoais, mas por pertencerem a determinados grupos, como, por exemplo, os já citados grupos étnicos, sexuais, religiosos, políticos, etc. A expressão de manutenção do poder da classe dominante nos livros didáticos coloca em questão a necessidade de discussão: esta postura sustenta a possibilidade da

homofobia e do racismo na escola e na sociedade? Podemos perceber ao longo da história mudanças na balança de poder destes grupos?

Os movimentos negro e LGBT vêm conquistando vários direitos em sua luta por igualdade e respeito, como a Lei 10.639/03 que acompanha a necessidade de reformulações no ensino e, por conseguinte, mudanças no livro didático e também o direito à união estável entre pessoas do mesmo sexo em 2011. O fato de estes grupos terem de enfrentar a sociedade e exigir meios que permitam a igualdade de direitos mostra que estes ainda não se igualam ao grupo estabelecido. A hegemonia do homem branco, cristão, marido, pai e dono de escravos não existe mais. Os tempos mudaram, as leis mudaram, as configurações da sociedade mudaram. Qual será o problema em se debater o tema dentro da sala de aula, sem que egos sejam feridos, por imposições feitas há séculos, que já não representam a realidade do nosso país?

De acordo com Freitas e Jesus (2011) pesquisas sobre a representação dos negros no livro didático começaram na década de 50 e os pesquisadores chegaram à conclusão de que

o livro didático vem sendo utilizado como sustentação para a discriminação racial... e estes livros passam a ser para os alunos um legitimador de “verdades” frequentemente concebidas a partir de visões distorcidas em torno dos seres humanos e das relações que estabelece entre si e entre o grupo.

A discriminação sexual diferentemente da discriminação étnico racial, na maioria das vezes, não é evidenciada, mas silenciada. A princípio, não se sabe quem é ou não homossexual. Muitos adolescentes que começam a descobrir a sua sexualidade não se sentem à vontade para tirar dúvidas e expor situações com seus professores, pois o assunto, simplesmente, não é retratado em sala de aula, e quando aparece é, na maioria das vezes, ligado às doenças sexualmente transmissíveis, principalmente o HIV. A sexualidade desvinculada do propósito de reprodução ainda é um tabu para a nossa sociedade que é guiada por rédeas heteronormativas que vão além das opções sexuais, determinando também uma situação comportamental adequada a cada gênero: menina de rosa, menino de azul e mais uma lista infundável de modos de agir, vestir, falar, etc. Modos que também são representados no livro didático como forma mantenedora de poder:

Referências à família são constantes nos livros didáticos analisados. O tema aparece em 135 páginas de um total de 67 livros entre os mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). O que se ressalta é a tensão entre a permanência de um modelo muito próximo do estereótipo de família *estruturada* veiculado pelas escolas e a indicação de mudanças em que emergem e se realçam modalidades alternativas. (VIANNA & RAMIRES, 2008, pág 350)

[44/46]

“O abrir-se de um abutre”: o corpo e as relações de poder permeadas pela diversidade sexual e étnico-racial • LEOCÁDIO, Sarah Dias; MACHADO, Thiago Augusto.

A falta de imagens ou textos que recobrem esses temas abre espaço para a manutenção da estigmatização dos grupos considerados outsiders, assim como a representação negativa do negro. Embora nossa discussão não finalize, buscamos por intermédio do exposto demonstrar que os grupos dos estabelecidos, pensando no caso brasileiro, possuem uma peculiar dominação sobre o corpo tanto do negro quanto do homossexual, quando este último busca através de uma “camuflagem” a identificação com os padrões dos estabelecidos e, ao primeiro, especificamente no caso do mineiro Adão Ventura, os estigmas dominam o corpo ao abrir-se tal qual as vísceras de um abutre, postulando a história do negro e indo à sua origem.

As possibilidades reais de mudanças no conteúdo do livro didático para a efetivação da igualdade entre raças, sexualidades e a desconstrução de gênero, como proposta por Butler – que nos possibilita pensar também na Teoria Queer, desenvolvida a partir do final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos, porém, suscitam algumas questões. Um dos primeiros problemas é como traduzir o termo *queer* para a Língua Portuguesa. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). A ideia dos teóricos foi a de positivar esta conhecida forma pejorativa de insultar os homossexuais. Segundo Butler, apontada como uma das precursoras de teoria queer, o termo tem operado uma prática linguística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se refere. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. Os temas postos em discussão não se concluem. Esse texto nos deixa com a premissa de trabalhos futuros voltados à pesquisa de modos e meios para que as representações no livro didático, principalmente por sua abrangência, não sejam excludentes ou privilegiem determinados grupos. Desse modo, tentaremos contribuir para que, desde cedo, crianças em contato com o livro didático cresçam cada vez menos rodeadas pelo preconceito e a estigmatização.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Revised Edition. Eleventh Impression. London/New York, Verso, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Adão Ventura e o (Con)texto Afro-Brasileiro. Artigo publicado na revista *Afro-Hispanic Review*, volume 16, número 2. Fall, 1997.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador : EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna e FONSECA, Maria Nazareth. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições. 2002, p. 221 –242.

FREITAS, M.D.F& JESUS, N. F. *População negra brasileira: Reflexo e imagem*. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. BH. Editora UFMG. 2006

LIONÇO, Tatiana. *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres : EdUnB, 2009

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Ana Célia da. *A Discriminação do Negro no Livro Didático*. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. A desconstrução da discriminação no livro didático In: MUNANGA, K. (Org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2001b.

_____. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2001a.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VIANNA, Cláudia & RAMIRES, Lula. *A Eloquência do Silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos*. Psicologia Política. Vol. 8. Nº 16. PP. 345 – 362. Jul – Dez 2008.